

Texto 1



Disponível em <https://www.publicitarioscriativos.com/21-propagandas-surpreendentemente-criativas/>. Traduzido e adaptado.

Texto 2

Por respeito à natureza, artista Tikuna levou 16 anos para criar um cocar

As primeiras penas de gavião real que conseguiu chegaram em 2005. Um amigo o encontrou na aldeia certa vez e ofereceu algumas penas do animal que tinha encontrado morto no meio do mato tempos antes. “Depois, em 2011, um cacique me disse que tinha algumas também, perguntou se eu queria, eram umas oito. Juntando com as que eu tinha, já dava para fazer um pedaço do cocar”, conta José Tikuna.

Para completar a peça, ele precisou contar com mais doações de amigos e conhecidos. José mesmo chegou a rodar pela floresta atrás das penas do bicho, mas não encontrava nada. Os anos passavam, e ele seguia procurando e esperando.

Só em 2014 encontrou novas penas. Dessa vez, um colega o procurou para que ele usasse seus dotes artísticos para criar um amarrador de cabelo com pena. José topou fazer e ainda conseguiu ficar com algumas para colocar em seu cocar.

José lembra das conversas com amigos tocadores de tambor que sempre falam que se um animal ou uma árvore sofreu ou morreu para que conseguissem produzir o instrumento musical, o mínimo que eles deveriam ter é respeito.

Paula Rodrigues. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/por-respeito-a-natureza-tikuna-levou-16-anos-para-criar-um-cocar.htm>. 08/09/2021. Adaptado.

- a) Explique o sentido da expressão “mais assustador” no contexto do anúncio, comparando-a com o processo de produção do cocar mencionado na notícia.

- b) Aponte a função sintática de “por respeito à natureza” e explique como a expressão contribui para o sentido do título e do texto.

Resolução

- a) A primeira imagem mostra a barbatana de um tubarão ilustrada com o termo “assustador”; a segunda, sem a barbatana, com a expressão “mais assustador”. Para o leitor, a presença de um tubarão é algo “assustador”, porém seu desaparecimento seria ainda “mais assustador”, visto que implicaria a quebra da cadeia alimentar da vida marinha, que também traria prejuízo aos seres humanos. Com isso, o texto publicitário alerta para as consequências no meio ambiente de um comportamento humano destrutivo. Já a atitude do indígena, que levou 16 anos para juntar algumas penas de gavião real de animais que morreram naturalmente para fazer um cocar, demonstra o respeito pelo tempo da natureza e de seus ciclos.
- b) A expressão “por respeito à natureza” é um adjunto adverbial de causa e é utilizada para evidenciar, já no título, a atitude do indígena em respeitar o tempo da natureza para alcançar seu objetivo: construir um cocar com penas de gavião real.

Fico imaginando se, em uma visita à casa de amigos, alguém me receber de cara fechada ou demorar para abrir a porta, sem demonstrar o mínimo de acolhimento. Talvez eu perca o tesão do encontro, deixando toda minha empolgação do lado de fora. Para mim, não é diferente do serviço em um restaurante. Por mais que a comida seja meu ponto principal, já perdi literalmente a fome quando fui ignorada, presenciei erros e mais erros de anotações de pratos, causando estresse nos comensais e na cozinha, sem contar as atitudes desagradáveis da brigada, quando resolve discutir no meio do salão. De outro lado, criei laços com restaurantes e bares por conta do atendimento impecável, dos quais os comes e bebes não são necessariamente maravilhosos. O fato de me sentir acolhida e bem atendida causa um grande peso naquilo que tanto se fala na gastronomia: a experiência.

Beatriz Marques. "A arte de servir". Revista Menu.

Março/2019. Adaptado.

- a) Explique o sentido do termo "literalmente" no trecho "Por mais que a comida seja meu ponto principal, já perdi literalmente a fome quando fui ignorada".
- b) Reescreva o excerto "causando estresse nos comensais e na cozinha, sem contar as atitudes desagradáveis da brigada", substituindo os termos grifados por outros de sentido equivalente.

Resolução

- a) O termo "literalmente" foi utilizado em sentido denotativo, real, e expressa o fato de que a autora realmente perdeu a vontade de fazer uma refeição diante do péssimo atendimento do estabelecimento.
- b) Reescrevendo a passagem dada, tem-se "causando estresse nos frequentadores habituais do restaurante e na cozinha, sem contar as atitudes desagradáveis de seus funcionários". O termo "comensal", cujo sentido original é "cada um dos que comem juntos, seguindo definição dada no dicionário Houaiss, refere-se, no texto, aos frequentadores de um restaurante; enquanto o termo "brigada", cujo sentido original é "grupamento de pessoas voltado à execução de certo serviço ou tarefa", refere-se aos trabalhadores (garçons, cozinheiros etc) do local.

Ela desatinou

Ela desatinou

Viu chegar quarta-feira

Acabar brincadeira

Bandeiras se desmanchando

E ela inda está sambando

Ela desatinou

Viu morrer alegrias

Rasgar fantasias

Os dias sem sol raiando

E ela inda está sambando

Ela não vê que toda gente

Já está sofrendo normalmente

Toda a cidade anda esquecida

Da falsa vida da avenida onde

Ela desatinou

Viu chegar quarta-feira

Acabar brincadeira

Bandeiras se desmanchando

E ela inda está sambando

Ela desatinou

Viu morrer alegrias

Rasgar fantasias

Os dias sem sol raiando

E ela inda está sambando

Quem não inveja a infeliz

Feliz no seu mundo de cetim

Assim debochando

Da dor, do pecado

Do tempo perdido

Do jogo acabado

Chico Buarque de Hollanda, 1958.

- Explique quais são os universos em oposição apresentados na letra da canção e exemplifique com dois versos.
- Considerando a ambiguidade presente no verso “Os dias sem sol raiando”, transforme a oração reduzida de gerúndio em duas possíveis orações desenvolvidas, contemplando os diferentes sentidos do verso.

Resolução

- a) Os universos presentes na canção são a vida fantasiosa e a vida real. A fantasiosa, ou falsa, está ligada aos dias de folia de carnaval, enquanto a vida real está ligada ao cotidiano nos demais dias do ano, marcado pelo sofrimento e pela dor: “Toda a cidade anda esquecida, da falsa vida, da avenida”.

O universo da realidade não é compactuado pela personagem, que se nega a abandonar a vida de fantasia, “ela desatinou”. Enquanto os outros retornam à vida habitual, ela permanece num festejar interminável: “Os dias sem sol raiando e ela inda está sambando.”

- b) A oração reduzida de gerúndio “raizando” pode significar “brilhando” ou “nascendo”. Desenvolvendo-as, tem-se: “Os dias sem sol que brilha (que raia)” e “os dias sem sol que nascem”; em ordem direta seria “os dias que nascem sem sol”.

Existe o Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro e o Rio de Janeiro. O primeiro Rio é aquele que ainda anseia por Ipanemas perdidas, de um tempo em que os amores eram recatados e silenciosos, o povo sorridente e polido, a água do mar cristalina e tépida e a música suave e gingada. O segundo Rio é a terra de ninguém, trombeteada nos noticiários de TV, em que cada esquina é um Vietnã ou Iraque e não há lugar seguro para correr. Uma cidade de favelas que cercam os redutos de cidadania, favelas dominadas por traficantes e demais bandidos que cada vez mais transbordam para o asfalto a sua violência. Mas há ainda um terceiro Rio de Janeiro. Aquele de quem anda de ônibus, compra nas bancas os jornais populares, zanza pelo camelódromo, permite-se um churrasquinho de gato com cerveja na esquina e sabe que existem muitos matizes entre o preto e o branco, a favela e o asfalto, a lei e o crime. Cidade de pessoas que, seja qual for a cor e a classe social, andam pra lá e pra cá com celulares, rádios minúsculos, CDs piratas ou não e DVDs idem. É uma cidade que pode ir do samba de roda ao techno music, da umbanda ao padre pop, do grito para a casa da vizinha à internet num microinstante. É o Rio de Janeiro que, musicalmente, não cabe mais no compasso da bossa nova — por mais que alguns tenham tentado aditivar eletronicamente o seu balanço — e nem no chamado samba de raiz, cultuado por setores jovens da classe média, mas definitivamente trocado pela grande massa pelo flexível pagode romântico, que assume sem preconceitos as formas úteis de toda a música popular, seja ela o rock, o sertanejo, o pop negro americano.

Silvio Essinger. Batidão. *Uma história do Funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005. Adaptado.

- a) Aponte a figura de linguagem utilizada para descrever o “segundo Rio” e explique como o seu uso contribui para a caracterização em curso no texto.
- b) Com base no texto, explique em que consiste o “terceiro Rio de Janeiro”.

Resolução

- a) O segundo Rio de Janeiro é representado por uma série de metáforas, como “terra de ninguém”, “trombeteada nos noticiários de TV”, “cada esquina é um Vietnã ou Iraque”, as quais representam a cidade do Rio de Janeiro como um lugar violento, desgovernado, imagem negativa muito divulgada pela mídia. Esse Rio de Janeiro é o contraponto à primeira imagem da Cidade Maravilhosa, caracterizada pela presença romantizada da Bossa Nova. Essas duas imagens servem de parâmetros para caracterizar o terceiro Rio de Janeiro, real, marcado pela vivência cotidiana de seus habitantes com a cidade.

- b) O terceiro Rio de Janeiro é caracterizado pelas vivências de seus cidadãos que vão além das visões estereotipadas apresentadas nas duas descrições anteriores. Esse Rio é marcado pelo povo trabalhador, pela diversidade cultural, étnica e religiosa, evidenciando que a cidade, como todo centro urbano brasileiro, é diverso e complexo.

ÀS VEZES ME VEJO COMO
GOSTARIA QUE ME VISSEM.



ÀS VEZES ME VEJO COMO
PROVAVELMENTE ESTOU.



ÀS VEZES ME VEJO COMO
ACHO QUE ME VEEM.



ÀS VEZES ME VEJO COMO
O MÁRIO QUINTANA.



Disponível em <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/46675766891/por-laerte>.

- Como as formas verbais “gostaria” e “acho” contribuem para a construção de sentido dos quadros 1 e 2?
- Considerando o contexto da tirinha, como o enunciador se vê no último quadro?

Resolução

- A forma verbal “gostaria” está no futuro do pretérito do modo indicativo e indica hipótese, possibilidade e desejo. Seu uso pela autora da tirinha indica que ela se vê como uma bela mulher e gostaria que os outros a vislumbassem assim. A forma verbal “acho”, no presente do indicativo, indica uma ação frequente e seu sentido pressupõe a imagem corporal negativa que a cartunista acredita que os outros tenham dela.
- No segundo quadrinho, Laerte (a cartunista) já sugere que os outros a veem de forma negativa, por isso o pronome “eles”, empregado no último quadrinho, refere-se aos que a criticam. Essa reação dos outros não é problematizada por ela, pois as críticas em relação a sua aparência “passarão”, ou seja, são efêmeras, enquanto ela continuará livre como um “passarinho”, mantendo sua essência apesar da opinião alheia.

A crise atual no mundo — no Oriente Médio, em Israel e na Palestina — não diz respeito aos valores do Islã. Não diz respeito, de jeito algum, à mentalidade dos árabes, como querem alguns racistas. Diz respeito à luta antiga entre fanatismo e pragmatismo. Entre fanatismo e pluralismo. Entre fanatismo e tolerância. O 11 de setembro não tem a ver nem mesmo com a questão de se a América é boa ou má, se o capitalismo é ameaçador ou transparente, se a globalização deveria cessar ou não. Diz respeito, isto sim, à reivindicação típica dos fanáticos: se julgo algo mau, elimino-o, junto com seus vizinhos. (...) Minha própria infância em Jerusalém tornou-me um especialista em fanatismo comparado. Jerusalém da minha infância, lá pelos idos dos anos 1940, era cheia de profetas espontâneos, Redentores e Messias. Mesmo atualmente, cada um dos jerosolimitanos tem sua fórmula pessoal de salvação instantânea. Todos dizem que vieram a Jerusalém — e aqui cito uma frase famosa de uma velha canção — para construí-la e para serem construídos por ela. De fato, alguns deles e algumas delas, judeus, cristãos e muçulmanos, realmente vieram a Jerusalém não tanto para construí-la, para serem construídos por ela, mas antes para serem crucificados, ou para crucificar outros, ou ambas as coisas. Há um transtorno mental reconhecido, uma doença mental designada “síndrome de Jerusalém”: as pessoas vão pra Jerusalém, inalam o maravilhoso ar transparente da montanha e, em seguida, repentinamente, inflamam-se e põem fogo numa mesquita, numa igreja ou sinagoga. Ou, de outra forma, tiram as roupas, sobem numa pedra e começam a profetizar. Ninguém escuta, jamais.

Amós Oz. *Contra o fanatismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

- a) Como a “síndrome de Jerusalém” pode ser relacionada a’ “reivindicação típica dos fanáticos”?
- b) As duas ocorrências da palavra “transparente” apresentam o mesmo sentido no texto? Justifique.

Resolução

- a) A “síndrome de Jerusalém” é um transtorno mental caracterizado por um ímpeto religioso extremamente fervoroso que acomete os indivíduos que vão a Jerusalém e ficam tão imbuídos de clamor religioso que passam a profetizar e a agir de forma irracional e intransigente em relação a outras religiões. Esse posicionamento radical tem levado esses indivíduos a praticar atos de extrema violência assim como os fanáticos descritos no início do texto: “se julgo algo mau, elimino-o junto com seus vizinhos”.

b) As duas ocorrências da palavra “transparente” não têm o mesmo significado. A primeira é usada em sentido conotativo, “capitalismo transparente”, que se refere a um sistema econômico que zela pela honestidade, pela igualdade social e pela justiça. O segundo é empregado em sentido literal, “ar transparente da montanha”, que denota a ausência de poluição, ar puro.

Sweet Home

*Quebra-luz, aconchego.
Teu braço morno me envolvendo.
A fumaça de meu cachimbo subindo.*

Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês.

O jornal conta histórias, mentiras...

*Ora afinal! a vida é um bruto romance
e nós vivemos folhetins sem o saber.*

*Mas surge o imenso chá com torradas,
chá de minha burguesia contente.*

Ó gozo de minha poltrona!

ó doçura de folhetim!

Ó bocejo de felicidade!

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*.

- Por que a expressão em inglês *Sweet home* suscita, no título do poema, um teor de ironia?
- Na circunstância do poema, os termos “bruto romance” e “folhetins”, como formas literárias, representam diferentes visões de mundo, estabelecendo entre si um contraste simbólico. Comente.

Resolução

- O título *Sweet Home* é irônico porque conota o sentido que se depreende da leitura do poema: a alienação da “burguesia contente” em relação ao contexto sociopolítico do Brasil. Essa burguesia vive fechada em si mesma (“Ó gozo de minha poltrona!”), é colonizada culturalmente, adotando costumes ingleses (“A fumaça de meu cachimbo subindo.” / “Mas surge o imenso chá com torradas”) Essa vida típica da “doçura de folhetim”, fútil, vã e plena de ócio, já é indiciada no irônico título.
- No verso “Ora afinal a vida é um bruto romance”, há alusão à forma literária, predominantemente narrativa, o romance, gênero em que ocorre um conflito, muitas vezes insolúvel, entre o protagonista e o contexto bruto da vida (A palavra “bruto” tem o campo semântico, nesse verso, de irracional, desagradável, tosco, grosseiro, violento).

O verso “E nós vivemos folhetins sem o saber” conota o doce tranquilo e alienado viver burguês, que é muito próximo das histórias do gênero folhetim, narrativa típica do século XIX, publicada geralmente uma vez por semana nos jornais. O enredo do folhetim tinha peripécias de base sentimental, retratava a vida burguesa e conflitos leves que desembocavam num final feliz, satisfazendo o gosto do leitor do estrato superior da sociedade o qual buscava a confirmação da ideologia dominante no folhetim.

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

O que me espanta não é a traição que dá na vista, não é o tolice que brilho em público: é a decência que se mantém, é a dignidade que se preserva, é a honradez que se resguarda, é o sacrifício obscuro e cotidiano que se continua. Eu lhe digo, porque tenho vivido em muitos cantos do Brasil e mexido com muita gente — eu posso lhe dizer que, entre milhares de homens tão diferentes de caráter e mesmo de ideias, sempre se tem conservado, através de todas as tribulações e contingências, um patrimônio comum. E você, Graciliano Ramos, faz parte deste nosso patrimônio.

O que senti vontade de lhe dizer hoje, e fica dito agora, é o seguinte: que tanto quanto eu, há milhares de pessoas no Brasil que não estão presentes ao banquete mas que desejam que você fique sabendo que estão ao seu lado. Conte conosco, não apenas na hora de beber e de comer, como também na hora de ter ódio de Julião Tavares, de lutar contra Julião Tavares — e de matar Julião Tavares.

Rubem Braga — “Discurso de um ausente”, mensagem do cronista a seu amigo Graciliano Ramos por ocasião do jantar em homenagem aos cinquenta anos do autor de *Angústia*.

- a) Como os valores éticos descritos por Rubem Braga constituem a resistência (e logo a tensão) que forma o ponto de vista em *Angústia*?
- b) Caracterize o perfil de Julião Tavares, de modo a explicar por que o cronista o considera um inimigo do “patrimônio comum”.

Resolução

- a) **No trecho de Rubem Braga, destacam-se os seguintes valores éticos: “decência”, “dignidade”, “honradez” e “sacrifício obscuro”. Tais valores, dentro do romance *Angústia*, são pertinentes ao narrador, protagonista, Luís da Silva que vive numa sociedade corrompida moral e sociopoliticamente. A figura de Julião Tavares representa o oposto de tais valores: ele é oportunista, sedutor de mulheres que depois as abandona impune. Julião Tavares simboliza a burguesia hipócrita, pedante, fútil e ociosa. A dinâmica do romance opõe tensamente a relação dessas personagens de característica psíquicas, morais e socioeconômicas antitéticas. Luís da Silva resiste e luta contra esse *status quo*, ainda que o assassinato de Julião não lhe traga a redenção. O texto de Rubem Braga corrobora o combate ao falso moralismo e a pseudocultura do estrato social burguês.**
- b) **A personagem Julião Tavares é hipócrita, traiçoeira, reacionária, pedante, prolixa, sedutora contumaz, desfruta dos privilégios da classe**

burguesa, vivendo no ócio. Esse perfil é oposto ao que Rubem Braga define como “patrimônio comum”: a “decência” “a dignidade”, “a honradez”, “o sacrifício obscuro e cotidiano”.

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

 **OBJETIVO**

Quem ficava mais vezes de castigo era ele, Miguilim; mas quem apanhava mais era a Chica. A Chica tinha malgênio — todos diziam. Ela aprontava birra, encapelava no chão, capeteava; mordida as pessoas, não tinha respeito nem do pai. Mas o pai não devia de dizer que um dia punha ele Miguilim de castigo pior, amarrado em árvore, na beirada do mato. Fizessem isso, ele morria da estrangulação do medo? Do mato de cima do morro, vinha onça. Como o pai podia imaginar judiação, querer amarrar um menino no escuro do mato? Só o pai de Joãozinho mais Maria, na estória, o pai e a mãe levaram eles dois, para desnortear no meio da mata, em distantes, porque não tinham de-comer para dar a eles. Miguilim sofria tanta pena, por Joãozinho mais Maria, que voltava a vontade de chorar.

João Guimarães Rosa, *Campo Geral*.

A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.

A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. Nem será sem razão que a palavra “graça” guarde os sentidos de gracejo, de dom sobrenatural e de atrativo.

João Guimarães Rosa. “Aletria e hermenêutica”, *Tutaméia*.

- a) Por que Miguilim, ao recordar as personagens do conto de fadas, se comove tanto e tem vontade de chorar?
- b) Considerando as ideias do autor em torno das palavras *história*, *História* e *anedota*, pode-se dizer que *Campo Geral* é uma estória? Desenvolva a sua resposta com base na leitura da obra.

Resolução

- a) **Miguilim, angustiado diante da possibilidade de seu pai amarrá-lo, em uma árvore, colocando-o de castigo no meio do mato, recorda-se da situação vivida por personagens de contos de fada, mais precisamente as narrativas de Joãozinho e Maria. Quando Miguilim se lembra dessa fábula, em que as duas crianças foram abandonadas no meio da floresta pelos pais, ele acaba se identificando, faz a transferência emocional. Assim, ao chorar por causa do que acontece com Joãozinho e Maria, está também chorando por não ter um pai que o trate com o devido amor e carinho, apenas com violência verbal e física.**

- b) *Campo Geral* é uma estória, porque seu estilo é o de uma narrativa sobre o percurso existencial do menino Miguilim, a qual não deve ser entendida literalmente, mas de forma alegórica, pois conota o amadurecimento do ser humano, o rito de passagem da infância para a visão amadurecida. A partir de frases curtas, de elaboração poética e da referência aos contos infantis, torna-se transcendente, poética, característica que a anedota também contém. Por essas razões, *Campo Geral* não poderia ser classificada como história, pois o texto de Guimarães Rosa não aborda os fatos de maneira denotativa, com base na realidade documental, no delimitado no tempo. O estilo de *Campo Geral* também é pertinente ao da estória. Isso já se nota no início “Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d’Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto Mutum”.
- Nesse início, a personagem infantil (“Miguilim”), o pretérito imperfeito do indicativo (“morava”), a indefinição nominal dos familiares e a repetição do advérbio “longe” são próximos do estilo da fábula oralizada.

Muitos povos indígenas brasileiros costumavam matar os gêmeos antes do contato com os brancos, que combateram a prática. “Quando chegamos lá (ao Parque Indígena do Xingu), ainda matavam. Fizemos uma campanha, mas, apesar da tolerância, os índios ainda recebem com muita reserva os gêmeos. O repúdio ao duo é muito forte”, disse à Folha o sertanista Orlando Villas Boas. “Muitos povos indígenas têm uma atitude contrária aos gêmeos porque seriam sinal de transgressão. Eles são vistos como perigosos e, segundo os índios, poderiam trazer males e doenças”, afirma a antropóloga Betty Mindlin, autora de “Terra Grávida”, antologia de mitos indígenas.

“Índios brasileiros matavam gêmeos”.

Redação. Folha de São Paulo, 30/01/2000.

- a) Qual personagem de *Terra sonâmbula* é estigmatizada pelo mesmo motivo apresentado na matéria? Justifique a sua resposta.
- b) No romance de Mia Couto, como a personagem Romão Pinto representa uma crítica ao dito “homem civilizado”?

Resolução

- a) **Farida e Carolinda são irmãs gêmeas, e segundo a crença da região em que se passa o romance, o nascimento de gêmeos indica grande desgraça futura. Dias depois de nascida e não alimentada, Carolinda foi tida como morta, para que a maldição não se concretizasse. Na verdade, a mãe das gêmeas simulou a morte de Carolinda e entregou a menina a uma viajante que não podia ter filhos. A desgraça, no entanto, chega ao lugarejo e, devido a isso, foi imposto um ritual de sacrifício à mãe das gêmeas. Farida cumpriu maldição de ter nascido gêmea, vivendo à margem daquela sociedade.**
- b) **Romão Pinto representa o colonizador português, explorador, materialista, inescrupuloso, preconceituoso e estuprador, que, mesmo depois de morto, continua na atividade de negócios ilícitos. Desse modo, Romão Pinto é o avesso do que pretendiam se considera “homem civilizado”, uma vez que seus pensamentos e atitudes revelam a irracionalidade predadora do continente e da mulher africanos. Afastam-se totalmente da atitude de homem representante da ética.**

Texto 1:

Por que rimos? Ninguém sabe. O riso tem uma qualidade universal: todas as culturas têm seus contadores de piadas. E, mesmo que a piada tenha graça só para uma cultura, as pessoas reagem sempre da mesma forma. Não importa se a língua é completamente diferente, se a pessoa é da Mongólia, um aborígine australiano ou um índio tupi, o riso é sempre muito parecido, uma reação física a um estímulo mental.

Marcelo Gleiser. *Sobre o riso*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/>.

Texto 2:

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social (...). O riso deve corresponder a certas exigências da vida comum. O riso deve ter uma significação social.

Henri Bergson. *O riso*.

Texto 3:

Estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, o riso esconde seu mistério. Alternadamente agressivo, sarcástico, escarecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante.

Georges Minois. *História do riso e do escárnio*.

Texto 4:

Talvez o exemplo mais destacado de artista com um uso constante do sorriso ao longo de sua produção seja Yue Minjun, integrante do chamado Realismo Cínico chinês, que constantemente se autorretrata com sorrisos especialmente exagerados, quase maníacos. Influenciada pela história da arte oriental em sua representação de Buda e pela publicidade, o que sua risada oculta é, na verdade, uma profunda crítica política e social do país onde vive.



<https://brasil.elpais.com/verne/2020-06-17/por-que-tao-pouca-gente-sorri-nas-obras-de-arte.html>

Texto 5:

Rir é um ato de resistência.

Paulo Gustavo, ator.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **As diferentes faces do riso.**

Comentário à proposta de Redação

O tema proposto, a ser desenvolvido numa dissertação, foi: **As diferentes faces do riso.** Ofereceram-se, como base para a produção do candidato, cinco textos. No primeiro, o físico Marcelo Gleiser define o riso como uma “reação física a um estímulo mental”, presente em todas as culturas. Já no segundo texto, o filósofo Henri Bergson destaca o valor utilitário do riso na sociedade, atribuindo-lhe uma função social. No terceiro texto, o escritor George Minois aponta as múltiplas formas de manifestação do riso, além de ressaltar-lhe a ambiguidade e a ambivalência, características fascinantes, quando não inquietantes. O quarto texto, fragmento extraído de matéria intitulada “Por que tão pouca gente sorri nas obras de arte”, divulgada no site do jornal El país, analisa e expõe uma obra do artista Yue Minjum, integrante do Realismo Cínico Chinês que ficou conhecido por se autorretratar frequentemente com sorrisos exagerados, que na verdade escamoteiam “uma profunda crítica política e social do país onde vive”. No último texto, o ator e humorista Paulo Gustavo define o riso como um “ato de resistência”, ou seja, uma forma de reação corajosa às adversidades e injustiças presentes no mundo.

Ao proceder à própria análise do tema, o candidato poderia reconhecer a onipresença do riso

na história da humanidade, o que por si só justifica sua relevância, sobretudo como um antídoto para as dores – tanto do corpo quanto da alma – inerentes à condição humana. Caberia, nesse caso, valer-se de estudos científicos que atestam a eficácia do sorriso tanto na cura quanto na prevenção de doenças. O trabalho dos Doutores da Alegria, realizado em hospitais infantis, poderia ser citado como exemplo dos efeitos terapêuticos do riso. Caberia, ainda, destacar a importância do riso diante de fenômenos que fogem ao controle humano, como pandemias e desastres naturais, os quais, quando vistos sob uma perspectiva resiliente, sem cegueira ou alienação, podem ser enfrentados de forma mais racional e com mais eficácia.

Outro aspecto passível de ser levantado pelo candidato reside na face obscura do riso, muitas vezes associada ao escárnio e ao sarcasmo observados no semblante de quem se compraz no sofrimento alheio, comportamento presente tanto em pessoas comuns, sem notabilidade, quanto em governantes tiranos e genocidas.

Por tratar-se de uma reação física a circunstâncias as mais distintas, o riso poderia ser definido pelo candidato como algo natural, incontrolável e contagioso, mas também como uma demonstração de sentimentos desprezivos e cruéis. Caso desejasse, o vestibulando poderia defender a disseminação do bom humor, seja como recurso de autopreservação, seja como arma de resistência às mazelas que orbitam o universo humano.